

AJ 03468

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

Domingo

357
1981
Caderno

A GAZETA — VITÓRIA (ES), DOMINGO, 11 DE OUTUBRO

A festa de Laranja da Terra Descendentes de alemães comemoram 50 anos de casados



Theodoro Ahnert
e China Nitz:
na festa
típica dos
seus 50 anos
de casados,
em Laranja
da Terra.

A comemoração das Bodas de Ouro — 50 anos de casamento — de China Nitz Ahnert e Theodoro Ahnert resultou na festa mais movimentada de Laranja da Terra, no município de Afonso Cláudio, reunindo oito filhos, 22 netos e quatro bisnetos. As concertinas, o instrumento típico alemão, tocaram das seis horas da tarde às quatro da manhã para familiares e amigos. Agora, o homenageado, de 71 anos de idade e aposentado como motorista desde 1966, pensa nas Bodas de Diamante, daqui a 25 anos.

No sábado passado, dia 3 de outubro, Theodoro Ahnert, um homem magro, baixo e sorridente, com 71 anos de idade, deu o braço à sua mulher, China Nitz Ahnert, de 70 anos, e, juntos, subiram os 37 degraus que levam à Igreja Luterana de Laranja da Terra, uma próspera comunidade de descendentes de alemães, a 32 quilômetros de Afonso Cláudio.

Emocionados, eles repetiram, na presença de oito filhos, 22 netos e quatro bisnetos — além de uma infinidade de parentes e amigos — a mesma cerimônia realizada no dia 2 de outubro de 1931, 50 anos atrás, quando entraram na Igreja Luterana de Serra Pelada, um povoado próximo, para casar e ganhar os tradicionais votos de muitas felicidades.

que, no dia do casamento com Chendina Ahnert Berger, em fevereiro de 1950, ouviu as palavras emocionadas do sogro: "Começo, hoje, a casar minha segunda família. Graças a Deus, já casei a primeira". Ele se referia aos 10 irmãos que criou e que levava pessoalmente à igreja.

Com os filhos aconteceu a mesma coisa. Depois de Chendine foi a vez dos mais novos, até chegar no caçula, Darly Ahmert, que mora em Afonso Cláudio. "Foi um tempo bom aquele" — reconhece o velho, homenageado — "foi duro, de muito trabalho, mas foi bom, mantivemos nossa família sempre junta e organizada".

MOTORISTA

Não há exagero quando ele se refere a

questão de fazer, dispensando qualquer ajuda. A noite, depois de um dia movimentado, geralmente iniciado entre quatro horas da madrugada e quatro e meia, senta-se e vê televisão — prefere as novelas — ou coloca um disco no moderno aparelho 3 em 1 e fica ouvindo em companhia da mulher.

— Vem muita visita aqui em casa. Os filhos sempre aparecem, os cunhados, os netos. Esses que moram mais perto da gente estão aqui de vez em quando, alegrando a casa — conta ele.

FATO RARO

Na região de Laranja da Terra, embora os casamentos sempre durem muito tempo, não se tem conhecimento de qualquer outra comemoração de Bodas de

anos atrás, quando entraram na Igreja Luterana de Serra Pelada, um povoado próximo, para casar e ganhar os tradicionais votos de muitas felicidades.

— Estou feliz, muito feliz. Não só pela festa, pela comemoração, mas principalmente pela presença da família, dos filhos, dos genros, das noras, dos netos e dos bisnetos. Para mim, é uma festa da família, organizada pelos filhos — comentava Theodoro Ahnert, enquanto recebia os cumprimentos dos presentes.

FESTA GERAL

A comemoração dos 50 anos de casamento — Bodas de Ouro — do casal China Nitz Ahnert e Theodoro Ahnert, durou praticamente quatro dias. Três dias antes da data marcada, numa quinta-feira, os filhos e os netos mais velhos começaram a chegar para organizar tudo e preparar o ambiente que receberia centenas de pessoas depois.

A pequena comunidade de 60 famílias, também auxiliou, providenciando uma coisa ou outra e as filhas, sozinhas, fizeram questão de preparar o bolo principal, com 20 quilos de peso e o número 50 gravado em cima. Foram elas também que decoraram a Igreja e o salão onde “noivos” e convidados dançaram.

Com os homens, ficou a preparação do imenso churrasco — um boi e seis leitões — e dos acompanhamentos, como feijão, arroz, couve e muita cerveja, responsáveis pela animação geral de jovens e velhos que comeram, brincaram, conversaram e dançaram das seis horas da tarde até perto do amanhecer.

TEMPO BOM

Dona China Nitz Ahnert, conhecida como Ana na comunidade, ainda se recorda bem do dia do casamento: “Era uma sexta-feira, um dia de muito sol, e nós saímos de casa para casar por volta das 11 horas. Naquele tempo era costume casar na sexta-feira, porque no domingo a casa já estava toda limpa e arrumada e na segunda a gente iniciava vida nova”.

Na manhã de 2 de outubro de 1931 Theodoro Ahnert saiu da igreja em seu terno de casemira azul-marinho e sapato preto para enfrentar uma vida nova, repleta de trabalho e dificuldades. Tinha perdido os pais pouco antes e era obrigado a cuidar dos irmãos mais novos, num total de 10.

Seu primeiro genro, George Berger, um representante de laboratório aposentado que mora em Vitória, se recorda

MOTORISTA

Não há exagero quando ele se refere a dureza dos tempos de outrora. Foi o pai de Theodoro, Otto Eggeet — falecido há muitos anos — quem primeiro levou um veículo movido a gasolina para o município de Afonso Cláudio. Era uma “fumbica”, um caminhão Ford, sem caixa de marcha, destinado a substituir os comboios de burros até então utilizados no transporte de café.

— Eu, como era o filho mais velho, fui dirigir a “fumbica” e dava um trabalho que ninguém imagina. Nós levávamos café para Santa Leopoldina, que tinha uma espécie de centro de compras naquele tempo. Demorava um dia inteiro a viagem. Isso quando ninguém ficava atolado no barro. Me lembro que nós negociávamos com a firma Moreira Rocha, de Armando Pinto, que não existe mais — recorda Theodoro.

Da velha “fumbica” ele passou a dirigir um Chevrolt fabricado em 1929 e também um dos primeiros a aparecer em Afonso Cláudio. O hábito de dirigir se transformou rapidamente em profissão e numa carteira de motorista — a de número 930, das mais antigas do Estado — que mantinha em anexo uma espécie de “currículo” do portador, dizendo se ele era bom ou mal.

Cuidadoso em tudo que fazia, Theodoro só colecionava anotações favoráveis e até hoje um dos seus grandes orgulhos é poder mostrar um diploma oferecido a ele pelo Departamento de Trânsito da Secretaria de Segurança Pública, onde é considerado “Amigo do Trânsito”, por sempre ter respeitado a sinalização e jamais provocado um acidente. Como esse só existem 100 em todo o País.

“E MERECIDO”

Hoje, aos 71 anos de idade, ainda forte apesar de alguns problemas na espinha, Theodoro Ahnert vive tranquilo com sua mulher em uma ampla casa na rua principal de Laranja da Terra, cultivando café, feijão, milho e verduras, tirados dos cinco mil metros quadrados de terras fertilíssimas que tem nos fundos.

Da família tem muito orgulho e lembra constantemente os filhos, o neto mais velho, Leonardo Berger, que é médico em Vitória, ou os outros que ainda estudam. Com os quatro bisnetos, a mesma alegria e as frequentes ofertas de doces de frutas variadas, “para alegrar essa menina boa e fazê-la voltar sempre aqui”.

Os concertos caseiros ele mesmo faz

Na região de Laranja da Terra, embora os casamentos sempre durem muito tempo, não se tem conhecimento de qualquer outra comemoração de Bodas de Ouro. Sempre acontece alguma coisa alguns anos antes: ou morre um dos cônjuges — o que é mais comum — ou há a separação ou, ainda, acontecimentos trágicos com filhos, genros ou netos que impedem qualquer comemoração maior.

Foi por isso que a festa organizada pelos filhos de Theodoro Ahnert movimentou toda a região na semana passada, embora nem todos os moradores da comunidade fossem convidados. “Seria muita gente” — esclarece um deles — “e ficaria difícil atender a todo mundo. Além do mais, era uma festa da família, dos filhos. Por isso não fomos todos convidados”.

Essa ausência intencional, em respeito à família, permitiu que todos se divertissem por muito tempo. Primeiro, com os bolos e doces, depois com o churrasco e as bebidas e, por fim, com o baile que exigiu a atuação permanente por oito horas seguidas de dois tocadores de concertina — um instrumento antigo típico da Alemanha.

TODOS JUNTOS

Desde quando o pastor da Igreja Luterana de Laranja da Terra, Lirio Drescher, abençoou o casal pela comemoração das Bodas de Ouro, filhos, netos, bisnetos e convidados desfilaram suas melhores roupas em direção à pequena escola comunitária, para cumprimentá-los, participar da valsa, e iniciar oficialmente a festa.

— Está certo que não tem muita gente — comentou Geraldo Frederico, também descendente de alemães, residente em Domingos Martins e principal tocador de concertina — mas é difícil se encontrar pessoal tão animado como esse aqui. Estou suando de tocar e eles estão aí firmes, dançando todas.

A festa, na verdade, não foi até o amanhecer, como se previa antes, mas chegou perto. Os mais jovens só se retiraram depois das três horas da madrugada, com garrafas de cerveja na mão, e foram curtir o sono em colchões espalhados numa casa vazia, ao lado da igreja — juntos. E para esses, a festa continuou.

Pela primeira vez em muitos anos, a pequena comunidade de Laranja da Terra — nome mantido por causa do cultivo da fruta — acostuada a levantar por volta de quatro horas da manhã em circunstâncias normais, ignorou relutantemente o repicar dos sinos da Igreja Luterana. Eles bateram com insistência às cinco horas, mas encontraram quase todos embalados em sono e ressaca. Aliás, como sempre acontece depois de uma boa festa.